

# VIDA ATRAVÉS DA MORTE: OS ATESTADOS DE ÓBITO DOS HOMENS “DE COR” DE RIO CLARO<sup>1</sup>

Thiago Marques Mandarinino<sup>2</sup>

## RESUMO

Através dos atestados de óbito dos homens “de cor” de Rio Claro este trabalho analisa dados de ocupação, condição social, sexo, faixa etária, *causa mortis*, estado civil e local de moradia para a cidade de Rio Claro considerando dois períodos distintos, 1875-1888 e 1888-1930. O material empírico utilizado permite tecer comparações das condições de vida e de trabalho dos homens “de cor” de Rio Claro desde a aprovação da Lei do Ventre Livre até o período posterior à abolição definitiva da escravidão.

**Palavras-chave:** Escravidão; Abolição; Atestados de Óbito; Homens “de cor”; Condições Sócio-Econômicas.

## ABSTRACT

Through the death certificates of Rio Claro's "colored men" this work analyzes the data of occupation, social condition, sex, age, cause of deaths, civil status and place of abode in the city of Rio Claro whereas two distinct periods, 1875-1888 and 1888-1930. The empirical material utilized permits make comparisons of living and working conditions of "colored men" in Rio Claro since the adoption of the Rio Branco Law until the period subsequent to the final abolition of slavery.

**Key-words:** Slavery; Abolition, Death Certificates; “Colored men”; Socio-Economic Conditions.

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta de forma bastante sucinta algumas conclusões feitas pelo autor na Dissertação de Mestrado: “VIDAS OBSCURAS: Ocupações e condições de vida dos homens “de cor”, Rio Claro, 1875-1930.”. O objetivo é demonstrar a metodologia utilizada para a análise dos atestados de óbito, a riqueza de informações que esta fonte oferece e compartilhar os resultados acerca das condições sócio-econômicas dos homens “de cor” antes e após a Abolição da escravatura em uma típica cidade cafeeira do Oeste Paulista.

<sup>2</sup> Mestre em Economia com Área de Concentração em História Econômica pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) de Araraquara. Atualmente Professor Assistente I do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus de Teófilo Otoni. E-mail: tmandarino@bol.com.br

## INTRODUÇÃO

Antes de um detalhamento dos resultados encontrados através da análise dos atestados de óbito, fazem-se necessários alguns esclarecimentos e observações a guisa de introdução.

Primeiramente, a escolha de Rio Claro se deu por esta ser uma típica cidade do Oeste Paulista: cresceu juntamente com o café, enfrentou o problema do fim do tráfico internacional de escravos, foi pioneira na imigração sob o regime de parceria, “sobreviveu” à abolição graças à imigração (subvencionada e de italianos, principalmente), constituiu um amplo setor urbano devido aos lucros gerados no café e, acabou entrando em crise juntamente com esse produto, que mantinha o município como um dos focos de atenção em termos de riqueza e produção no Oeste Paulista. Este município apresenta, então, as contradições inerentes da transição capitalista segundo a historiografia: acúmulo de capital pela produção cafeeira sendo investido na construção de modernas cidades.<sup>3</sup>

Segundo Dean, “O município é a unidade de política básica do Brasil e, no século passado, era em geral bastante extenso. Seus limites freqüentemente tinham uma certa lógica, do ponto de vista geográfico ou econômico [...]”<sup>4</sup> Além disso, um Arquivo Histórico rico em fontes, bem organizado, e de fácil acesso foi um atrativo.

A princípio pretendia-se desenhar a estrutura de mão-de-obra dos negros, tanto antes quanto depois da abolição, analisando assim as mudanças ocorridas. Mas logo após 1888 as fontes a respeito dos negros se tornam bastante escassas. Os jornais da época e os classificados de emprego se mostraram muito extensos, difíceis e irregulares. Foi após alguns dias de consultas no Arquivo de Rio Claro que se passou à análise de 2.099 atestados de óbitos classificados como de “pretos”, se estendendo de 1875 a 1930.

A continuidade desta fonte era algo que chamava a atenção, já que a mesma iniciava-se num período em que a Lei do Ventre Livre já estava em vigência e, se estendia até a abolição, consolidação do mercado de trabalho livre e crise do café, num ambiente em que se misturava uma Rio Claro tanto urbana quanto rural.

Todavia, analisar a estruturação do mercado de trabalho apenas através dos atestados seria difícil. Primeiramente por não haver uma regularidade na declaração da profissão da pessoa que acabara de falecer. Em segundo lugar, pela dificuldade de

---

<sup>3</sup> SANTOS, Fábio, 2000, p. 34-5.

<sup>4</sup> DEAN, 1977, p. 14.

distinção entre ocupação e profissão. Mas os atestados de óbito iam além das informações de ocupação. Apesar da não regularidade, de forma geral os mesmos traziam informações referentes à: nome, idade, sexo, naturalidade, filiação, *causa mortis*, ocupação, estado civil, bem como outras diversas observações.

Esta fonte permitiu então uma pesquisa mais aprofundada da vida dos homens “de cor” de Rio Claro. Isto permitiu conhecer não só as ocupações, mas também as condições de vida desses homens: onde moravam, se eram casados ou solteiros, quais as principais causas de suas mortes, a relação destas mortes com as condições de higiene, alimentação, moradia e trabalho, a faixa etária dos óbitos, enfim, uma infinidade de observações e informações que poderiam trazer à tona algo mais amplo que a pretensão inicial. Sem perder de vista que as ocupações e a possibilidade de exercê-las são de fundamental importância para a determinação das condições de vida.

Através destes atestados pretendia-se responder: como era a vida dos negros enquanto perdurava a escravidão e, como passou a ser a vida dos mesmos após a abolição? Mais uma vez, a fonte impôs uma restrição. Desta vez quanto à cor. Os atestados eram, em sua maioria, de “pretos”, mas havia a ocorrência de “mulatos”, “pardos” e “crioulos” também.

Todos estes homens poderiam ser classificados como negros<sup>5</sup>. Mas poderíamos estar incorrendo em um erro, haja vista que essa classificação não é consensual entre os autores.

*Definir a cor ou raça do brasileiro não é tarefa simples. A miscigenação, traço marcante da sociedade brasileira, gerou uma imensa gama de cores que não se adapta a nenhum esquema de categorias de cor. (...) Desta maneira, a informação sobre cor encontra-se sujeita aos problemas decorrentes da subjetividade na classificação das cores, visto que esta envolve o posicionamento social dos indivíduos, e a percepção de cor que um membro do domicílio tem dos demais.*<sup>6</sup>

Realmente, há bastante subjetividade na classificação das cores, principalmente para aquele período. Muitas vezes o atestado do médico divergia do atestado feito no cartório. Pensou-se então em distinguir as cores dos indivíduos, mas não havia nenhuma relação entre a cor declarada e uma maior mobilidade social. Havia também uma dificuldade em chamá-los de ex-escravos, já que nem todos os atestados constavam de

---

<sup>5</sup> GORENDER, 1990, p. 06. Na nota de rodapé: “O termo negro abrange todas as pessoas que apresentam traços fenotípicos de raça negra, desde os computados estatisticamente como pretos ou mestiços (pardos ou mulatos). A definição é adotada pelo MNU (Movimento Negro Unificado) e, em geral, pelos estudiosos da questão”.

<sup>6</sup> ANDRADE, Flávia et., 2000, p. 01.

tal observação. Nesse sentido, agrupar todos estes homens numa categoria única pareceu o procedimento mais razoável.

Nesse ponto tem origem e fundamento o nome do trabalho. Todos estes homens foram agrupados como homens “de cor”, levando em conta que a mesma categoria engloba tanto negros, quanto mulatos, crioulos, enfim, uma categoria mais abrangente e que dá conta, não só dos que estiveram submetidos à escravidão, mas também dos que foram estigmatizados por ela.<sup>7</sup>

A primeira parte desse trabalho evidencia sucintamente os resultados da análise dos atestados de óbito entre o ano de 1875 e a data da abolição oficial da escravidão: 13 de maio de 1888. Do total de atestados analisados, 951 correspondem a este período, ou seja, praticamente 45%. Esta é também uma das razões da divisão dos atestados entre anteriores e posteriores à Abolição, isto é, uma divisão mais equitativa.

Analogamente, a segunda parte utiliza 1.148 atestados de óbito para a análise do período posterior à Abolição, estendendo-se de 14 de maio de 1888 a 1930. Os óbitos dependem de muitos fatores e, portanto, não seguem um padrão sistemático, permitindo um agrupamento de forma mais equalizada ano a ano, ou período a período. Mesmo assim, dividiu-se a segunda parte em três subperíodos de praticamente 13 anos cada, evitando enfiamentos por trabalhar com períodos hora maiores, hora menores.

Outra característica apresentada pela fonte foi o descaso, tanto em relação ao escravo quanto em relação ao liberto e ao livre “de cor”, no momento de sua morte. O registro dos óbitos destes homens se tornou obrigatório no país no ano de 1875. Todavia, nenhum modelo foi imposto. Isto explica a existência de atestados de óbito das mais variadas formas. Como padrão em praticamente todos os atestados havia o nome, a cor, a idade (ou uma estimativa dela) e a causa da morte. Depois destas informações, outras como ocupação, naturalidade, filiação e estado civil seguiam uma distribuição casual. Dessa forma, os atestados se constituem numa riquíssima fonte de estudos, ao permitir um olhar do homem “de cor” no momento de sua morte e, através disto, analisar um pouco de sua vida.

---

<sup>7</sup> Chamamos a atenção para o fato de a palavra homem estar empregada no sentido de ser genérico, humanidade. Assim sendo, homens “de cor” engloba tanto homens quanto mulheres e crianças encontrados nos atestados.

## 1 - OCUPAÇÕES E CONDIÇÕES DE VIDA ANTES DA ABOLIÇÃO

A primeira coisa a se notar é que o número de atestados existentes para cada ano não segue uma distribuição regular. Pelo contrário, há uma maior concentração dos atestados de óbito nos anos de 1879 e 1884, correspondendo a 25,13% e 17,67% dos 951 atestados deste primeiro período, respectivamente.

**Tabela 1.1 – Número de atestados analisados, ano a ano<sup>8</sup>**

ANO	TOTAL	PERCENTAGEM
1875	10	1,05%
1876	40	4,21%
1877	19	2,00%
1878	28	2,94%
1879	239	25,13%
1880	33	3,47%
1881	36	3,79%
1882	79	8,31%
1883	70	7,36%
1884	168	17,67%
1885	94	9,88%
1886	27	2,84%
1887	75	7,89%
1888	33	3,47%
<b>Total</b>	<b>951</b>	<b>100,00%</b>

Primeiramente, a razão dessas variações não deve ser buscada no número de homens “de cor” existentes na cidade. Isto porque a diferença entre o número de atestados existentes no ano de 1878 e 1879 é bastante grande e, certamente a população “de cor” não sofreu variação de tamanha grandeza. Precariedade das condições de conservação dos documentos e epidemias parecem ter sido mais decisivos para as variações nos números de atestados encontrados nos arquivos.

Nesse período o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre já estava sendo encaminhado pela Lei do Ventre Livre. Portanto, a maioria das pessoas “de cor” que faleceram entre 1875 e 13 de maio de 1888 eram escravos ou ingênuos.

Dos 951 atestados, 311 (32,7%) correspondem a atestados de escravos, enquanto 380 (39,9%) correspondem a ingênuos. Desses 380 atestados de ingênuos, 259 são de

<sup>8</sup> Esta tabela, assim como todas as outras e os dados que estão nesta seção, tiveram como fonte os atestados de óbito de “pretos” do Arquivo Histórico de Rio Claro, encontrados para o período de 1875 a 13 de maio de 1888.

crianças entre 0 e 1 ano de idade, 63 de crianças entre 2 e 5 anos, 6 de crianças entre 6 e 10 anos e 44 de crianças cuja idade está em branco. O número de ingênuos é crescente com o decorrer do tempo, ao considerarmos a representatividade de tal categoria dentro de cada ano. Os ingênuos eram cerca de 32% dos atestados de 1878, 38% dos de 1879, 45% dos de 1883 e 49% dos de 1887. Isto mostra, primeiramente, como o número de crianças era crescente com o decorrer do tempo, provavelmente reflexo da própria Lei do Ventre Livre ao tornar os filhos dos escravos livres. Em segundo lugar, demonstra também o quão duras eram as condições de vida destas crianças, já que faleciam em grande número.

Em relação aos escravos, o esperado ocorre. Dos atestados em que consta a declaração da condição do falecido como “escravo” (311), 147 são de pessoas em idade produtiva, isto é, entre 21 e 50 anos. Desses 147, a grande maioria está na faixa etária de 21 a 40 anos. Há ainda 62 atestados de escravos em que não está especificada a idade. Assim os atestados deixam perceber que muitos escravos morriam em idade produtiva ainda, ou seja, relativamente jovens.

Quanto à distribuição entre sexos, há um certo equilíbrio em Rio Claro. Melhor dizendo, não existe uma alta taxa de masculinidade. Dos 951 atestados, 549 correspondem a pessoas do sexo masculino e 402 a pessoas do sexo feminino.

Vê-se assim que, para os filhos de homens “de cor”, o primeiro ano de vida se apresentava como o mais difícil. Isso se deve às condições precárias da vida da mãe durante a gestação, se alimentando mal e trabalhando muito e, à necessidade de abandono do filho após o parto e às condições precárias da vida do bebê quanto à higiene, moradia e alimentação, atingindo-o no primeiro ano de vida, quando está mais suscetível a inúmeras doenças.<sup>9</sup> Passado o primeiro ano de vida, a chance de sobrevivência da criança aumentava, como evidencia a gradativa queda no número de óbitos na faixa etária dos 2 aos 5 anos e dos 6 aos 10 anos de idade.

Apesar de serem maioria, os homens tinham menor chance de uma longa vida. Para ambos os sexos, a maioria dos óbitos se deu na faixa da idade produtiva, passado o primeiro ano de vida. Mas, conforme aumenta a faixa etária, as mulheres começam a aparecer com maior frequência que os homens no óbito.

---

<sup>9</sup> Nesse mesmo sentido vai CASTRO, Jeanne Berrance, 1971; ver também AISSAR, Aparecida da Glória et. all., 1973. Ainda, Luciana dos Santos, 2000, p. 107, diz que as más condições eram provavelmente a causa da morte na infância e, as jornadas incessantes e castigos após os 12 anos de idade.

Isso evidencia que muitas mulheres tinham um trabalho tão árduo quanto os homens, além das chances de morrerem no parto, na idade produtiva. Todavia, o número de mulheres em trabalhos que permitiam uma maior sobrevivência era maior que o de homens. Mas que tipos de trabalho eram esses? Que ocupações essas pessoas exerciam?

Dentre os atestados de óbito analisados, apenas 20,3% tinham a ocupação da pessoa declarada. Em outras palavras, dos 951 atestados analisados, apenas 193 diziam alguma coisa a respeito da ocupação da pessoa que acabara de falecer.

Uma das causas identificadas para isso é a grande presença de ingênuos, melhor dizendo, crianças entre 0 e 5 anos de idade. Outra razão seria o próprio descaso na hora de se atestar o óbito. Nota-se também que de 1875 a 1878, praticamente não se declarava a ocupação. Talvez por serem os primeiros anos em que os atestados de óbito começaram a ser obrigatórios, mas sem um modelo mínimo específico.

Algumas ocupações eram preenchidas primordialmente por homens, outras por mulheres. É o caso de lavoura e serviços domésticos, respectivamente. Aliás, lavoura foi identificada como uma das principais ocupações. Dentre os homens “de cor” cujos atestados tinham as ocupações declaradas (193), 122 tinham a lavoura como ocupação. Assim sendo, 63% das pessoas falecidas neste período e, cuja ocupação vinha declarada no atestado, trabalhavam na lavoura. A predominância masculina nesta ocupação é bastante evidente. Dos 122 trabalhadores de lavoura, 106 (86%) eram homens e 16 (14%) mulheres.

Destaca-se também as ocupações de serviços domésticos e roça, cada uma perfazendo um total de 21 atestados ou, 10,8% do total dos atestados em que a ocupação foi declarada. Para estas ocupações há uma predominância das mulheres no caso de serviços domésticos. Elas são 90% das pessoas que trabalham nesta ocupação. O contrário ocorre para roça, 71% dos trabalhadores de roça são homens.<sup>10</sup>

Portanto, a maioria dos homens “de cor” trabalhava no setor rural entre 1875 e 13 de maio de 1888. Essa predominância no campo certamente influenciaria na possibilidade de se conseguir um emprego na cidade após a abolição, seja por não ter desenvolvido uma habilidade para isso, seja por já estar acostumado ao campo.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Não notamos nenhuma distinção clara entre as ocupações de roça e lavoura. Mantivemos esta distinção para sermos fiéis à fonte.

<sup>11</sup> Ver OLIVEIRA, 1988. A autora estabelece uma interessante relação entre as possibilidades do liberto e as características de vida do escravo em cativo. O tipo de trabalho exercido pelo mesmo, o sexo, idade, força física, a riqueza e influência do senhor, eram fatores determinantes.

Percebe-se também que as ocupações de serviços domésticos, roça e lavoura eram preenchidas primordialmente por escravos. Roça e lavoura juntas compunham 74% das ocupações dentre aquelas declaradas. Isto evidencia que os fazendeiros detinham mais escravos que os homens da cidade, já que a maioria dos mesmos trabalhava no setor rural.

As ocupações de pedreiro e carpinteiro também eram desempenhadas por escravos. E não se pode afirmar que estes escravos estavam na cidade. A bem da verdade parece haver uma relação com o tamanho das fazendas. Grandes fazendeiros, como o Visconde de Três Rios, poderiam ter escravos ocupados como pedreiros, dado o ritmo de construções que existia na fazenda, principalmente quando os colonos começam a vir para o Brasil.<sup>12</sup>

Como era de se esperar, quitandeira era uma ocupação bastante relacionada com o mundo dos libertos, melhor dizendo, das mulheres libertas.<sup>13</sup>

Dos 311 escravos identificados nos atestados, 139 tinham o estado civil ignorado, reflexo talvez do descaso quanto à relevância de algumas informações a respeito dos homens “de cor” nos atestados.

Se retirarmos os ignorados da amostra, tem-se 172 escravos com o estado civil declarado, ou seja, 55,3% dos atestados de escravos. Destes 172, 66 escravos ou 38% eram casados, 50% solteiros e 12% viúvos.

Os atestados permitem ver ainda que, após a liberdade, a tendência ao casamento era maior. No caso dos libertos, viúvos e casados somam quase que o dobro dos solteiros. Se considerarmos apenas casados e solteiros, temos quase uma igualdade.

A região rural da cidade era a mais ocupada pelos homens “de cor” e, também aquela em que a grande maioria trabalhava. Ao observar a condição social da pessoa relacionada à região de moradia, nota-se algo interessante: uma tendência dos libertos, mesmo pobres e indigentes, a se mudarem para a cidade ou, para a região urbana.

Quanto às *causa mortis* há uma presença marcante de doenças infecciosas e parasitárias, ou seja, relacionadas com as condições de higiene e alimentação. Existem 20 doenças diferentes que, juntas, respondem por 84% dos óbitos do período em questão. Dentre estas, a principal *causa mortis* foi a de coração ou, neste caso, doenças ligadas ao coração, que contempla: lesão cardíaca, lesão orgânica do coração,

---

<sup>12</sup> Ver BASSANEZI, 1973. Através deste estudo pode-se ter uma idéia da magnitude de algumas fazendas cafeeiras de Rio Claro. Funcionavam como verdadeiras cidades autônomas, tendo sua própria mercearia, carpintaria, olaria, farmácia, até teatro.

<sup>13</sup> Ver DIAS, 1984.



insuficiência mitral, hipertrofia do coração, moléstia do coração. Estes problemas foram responsáveis por 12,5% destes óbitos ou, por 9,5% do total dos 951 atestados. Um número bastante representativo. A maioria destes problemas de coração era causada principalmente por excesso de esforço.

Tem-se em seguida diarreia/desintéria e vermes, cada um destes responsável por 7% do total de óbitos. É preciso ressaltar que, estas duas *causa mortis* estão bastante inter-relacionadas, já que boa parte das mortes por desintéria podem ter sido causadas por vermes. Os problemas de pneumonia e tuberculose também chamam a atenção, respondendo por 6,7% e 4,7% dos 951 óbitos, respectivamente. Chama a atenção doenças bastante peculiares da infância: coqueluche e dentição<sup>14</sup>.

As febres respondem por 6% dos óbitos e, representam: febre tifóide, febre reinante, febre verminosa, febre perniciosa, entre outras.

Problemas do aparelho digestivo também foram bastante recorrentes, representados pelas gastrites, gastro-enterites, enterites agudas. Além disso, problemas ligados ao cérebro, como é o caso de hidropesia (derramamento de sangue no cérebro, muitas vezes devido ao aumento da pressão arterial), convulsão cerebral e as convulsões e ataques.

A partir de 1882, casos de acidentes/asfixias/queimaduras representam quase 3% do total dos óbitos e englobam morte por asfixia em lago, morte por queimaduras provocadas por acidente, morte por tiros provocados por acidente, etc. Ressalta-se que os homens “de cor” encontrados mortos por essas condições eram, em sua maioria, escravos. Não só isso mas, em todos os casos, a morte era dada como “por acidente” ou, “encontrado morto com tiro”, “encontrado morto submerso”, “atropelado acidentalmente”.

Soa bastante estranho um regime escravocrata caracterizado como violento pelos processos crime, não constar nos óbitos algum fazendeiro ou feitor como responsável pela morte. Certamente, este aspecto deve ser tratado no âmbito jurídico e, não nos atestados, mas chama atenção a ênfase dada na palavra “acidente” ou, “encontrado morto” apenas.

Até o momento, pode-se dizer que não apenas a vida do escravo e do liberto dependia do senhor. A própria morte dos homens “de cor” acabava se tornando um

---

<sup>14</sup> A febre e infecção que poderia ocorrer enquanto os primeiros dentes do bebê estavam nascendo. Período também em que o mesmo se encontra bastante irritado devido à dor, se alimentando mal e ficando suscetível a inúmeras doenças.

instrumento nas mãos dos senhores e dos brancos, que quando não tratavam os atestados com descaso, manipulavam-nos de forma a tentar esconder qualquer indício de castigos excessivos ou maltratos. Mas as péssimas condições de vida eram um castigo que os atestados registraram.

## 2 - OS HOMENS “DE COR” APÓS 13 DE MAIO DE 1888

Neste período não haverá mais a distinção que se fez na seção anterior entre escravos, libertos e ingênuos. A partir de agora, escravos e ingênuos se tornam categorias inexistentes. A abolição torna todos estes, homens “de cor” apenas. Esta é uma das razões que torna o período pós Lei Áurea tão obscuro e de tão difícil estudo com relação a estes homens. São raras as fontes que apresentam a distinção de cor após a abolição.

Esta parte do trabalho está estruturada de forma diferente. Por se tratar de um período bastante extenso (42 anos entre 1888 e 1930), pareceu mais conveniente subdividir o período em três: 1888-1899; 1900-1914 e 1915-1930. São períodos com média de anos bastante parecida. Tanto entre eles quanto se comparados com o período da seção anterior.

**Tabela 2.1 – Os atestados de óbito, por período, de 1888 a 1930<sup>15</sup>**

<b>Período</b>	<b>Anos</b>	<b>Atestados</b>	<b>% do Período</b>	<b>% do Total</b>
1888-1899	1888	66	11,3%	5,7%
	1889	95	16,3%	8,3%
	1890	74	12,7%	6,4%
	1891	68	11,7%	5,9%
	1892	48	8,2%	4,2%
	1894	30	5,1%	2,6%
	1895	63	10,8%	5,5%
	1896	40	6,9%	3,5%
	1897	42	7,2%	3,7%
	1898	53	9,1%	4,6%
	1899	4	0,7%	0,3%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>583</b>	<b>100,0%</b>	<b>50,8%</b>
1900-1914	1900	88	19,5%	7,7%

<sup>15</sup> Esta tabela, assim como todas as outras e os dados desta seção foram elaborados com base nos atestados de óbito de “pretos” do Arquivo Histórico de Rio Claro, encontrados para o período de 14 de maio de 1888 até 1930.

	1901	105	23,3%	9,1%
	1902	96	21,3%	8,4%
	1903	59	13,1%	5,1%
	1904	52	11,5%	4,5%
	1908	1	0,2%	0,1%
	1909	7	1,6%	0,6%
	1912	11	2,4%	1,0%
	1913	15	3,3%	1,3%
	1914	17	3,8%	1,5%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>451</b>	<b>100,0%</b>	<b>39,3%</b>
1915-1930	1915	16	14,0%	1,4%
	1916	8	7,0%	0,7%
	1918	11	9,6%	1,0%
	1920	10	8,8%	0,9%
	1921	7	6,1%	0,6%
	1922	13	11,4%	1,1%
	1926	7	6,1%	0,6%
	1927	6	5,3%	0,5%
	1928	7	6,1%	0,6%
	1929	15	13,2%	1,3%
1930	14	12,3%	1,2%	
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>114</b>	<b>100,0%</b>	<b>9,9%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>1148</b>		<b>100,0%</b>

Antes de qualquer coisa, é preciso observar a distribuição entre os sexos. Em todos os períodos o número de homens ou, pessoas do sexo masculino foi maior. Dos 583 atestados do primeiro período, 3 não especificavam o sexo. Entre os 580 restantes 54% era de homens e 46% de mulheres. Para o segundo período, a mesma coisa se repete: 54% dos 411 atestados eram de homens e 46% de mulheres. Finalmente, o último período tem um atestado sem sexo especificado. Dos 113 restantes, 55% são de homens e 45% de mulheres.

Portanto, em todos os períodos a taxa de masculinidade é bem parecida e, podemos dizer que há um certo equilíbrio entre o número de homens e mulheres no período como um todo: se considerarmos todo o período (1888-1930), temos 54% dos óbitos de homens e 46% de mulheres.

Este relativo equilíbrio certamente influenciou a grande presença de crianças entre os atestados para o período como um todo. Na verdade, a faixa etária dos 0 aos 10 anos de idade corresponde a 36,7% do total dos atestados (mais de 420). Mas, é entre 0 e 1 ano de idade que se concentra a maioria dos óbitos, não só no período como um todo

(28,3%), como em cada um dos três períodos: 28,5%, 23,3% e 47,4%, respectivamente, são óbitos de crianças entre 0 e 1 ano.<sup>16</sup>

Apesar de o terceiro período ter uma amostra menor de atestados, nota-se que há um salto no número de óbitos de crianças no mesmo. Na verdade, os óbitos das pessoas em todas as faixas etárias entre 0 e 20 anos foi relativamente maior no terceiro período que nos anteriores. Isto implica dizer que o primeiro ano de vida e, a infância era bastante difícil entre 1915 e 1930, quando a medicina avançava a passos largos. Um reflexo das más condições de vida dos bebês e, da mãe enquanto gestante.

Por outro lado, nota-se que os óbitos na faixa etária produtiva decresceram e o número de pessoas velhas aumentou com o decorrer do tempo. De alguma forma, as benesses da medicina e das medidas para saneamento e controle de epidemias estavam atingindo também os homens “de cor” de Rio Claro.

Portanto, o aumento na expectativa de vida decorrente de melhores condições fito-sanitárias não reflete, de imediato, melhoria nas condições de vida, como moradia, trabalho e rendimentos. A expectativa de vida dos pais realmente aumentou e, parece ser muito mais reflexo das vacinas e controle de doenças a que tiveram acesso, do que de melhoras essenciais nas condições de vida. O primeiro ano de vida, o mais difícil, evidencia isso, e também que o avanço da medicina ainda não estava atingindo gestantes e crianças recém-nascidas.<sup>17</sup>

Quanto às *causa mortis*, a Tabela 2.2 reúne 24 delas, que foram responsáveis por 991 dos 1.148 óbitos, ou seja, por 86%. É um número bastante significativo e, nos poupa de agrupar e detalhar melhor as mais de 45 *causa mortis* restantes que, encheriam

---

<sup>16</sup> Este alto índice de óbitos de crianças acabou se refletindo e, enviesando a naturalidade e procedência dos homens “de cor”. Dos 1.148 atestados, 31,5% era de homens cuja naturalidade era a própria Rio Claro e, dentre estes, 70% praticamente era de crianças entre 0 e 5 anos de idade. A procedência dos homens “de cor” era bastante conhecida e, mais uma vez, depois de Rio Claro destaca-se aqueles vindos do próprio Estado de São Paulo (14,5% dos atestados) e os da África (9,5%). Os que tinham declarada como naturalidade a África, provavelmente já habitavam Rio Claro antes da abolição. Assim, pode-se dizer que no período posterior à Abolição, não houve a vinda maciça de homens “de cor” de outras regiões. A amostra identifica pessoas principalmente de Rio Claro e do próprio estado de São Paulo, sendo que, a maioria parecia habitar Rio Claro mesmo antes da abolição. Portanto, não se pode dizer que houve uma grande mobilidade para fora da cidade. O movimento dos homens “de cor” parece ter se dado dentro da própria Rio Claro no decorrer do período em análise.

<sup>17</sup> “Ainda no começo deste século, os serviços de saúde pública estavam empenhados no combate às doenças infecto-contagiosas, na hospitalização dos tuberculosos, na profilaxia da sífilis e doenças venéreas, no saneamento do meio físico. Pouco se realizou em favor da criança e da mãe. Somente em dez de outubro de 1944, pelo Decreto-Lei nº 14.221 e baseado no disposto no Decreto-Lei Federal nº 20.024 de 17 de fevereiro de 1940, era criado em São Paulo o Departamento Estadual da Criança, diretamente subordinado a então Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social.” (MAZZIOTTI, 1978, p.133-4)

os olhos do leitor, mas tornaria a análise mais difícil. Além de ser um montante muito grande para responder por apenas 14% dos óbitos.

**Tabela 2.2 – Principais *causa mortis*, de acordo com a faixa etária**

<i>CAUSA MORTIS</i>	FAIXA ETÁRIA														TOTAL
	em bco	0-1	2 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80	81 a 90	91 a 100	101 +	
acid./achado morto	7	3	2	3	7	11	7	8	4	2	4	1			<b>59</b>
aparelho digestivo	3	39	6	1		2	3	2	2	1	2		1		<b>62</b>
assassinado								1							<b>1</b>
bronquite		25	3			1			2	1					<b>32</b>
cérebro			1		3	4	4	2	7	2	4				<b>27</b>
cirrose/alcoolismo				1		2	4	2	4						<b>13</b>
coqueluche		9	2												<b>11</b>
coração	2				1	8	16	21	21	14	10	8	2		<b>103</b>
velhice	1	1						1	5	9	18	14	17	5	<b>71</b>
dentição		9	1												<b>10</b>
desintéria/diarréia		3	1		1	6	1	1		2	1		1		<b>17</b>
febre amarela			1		4	5	1	1	1						<b>13</b>
febres		9	2	1	2	3	2	1	4	2	1				<b>27</b>
hidropesia	1					2		5	4	5	3		1		<b>21</b>
inflamações		3			1		2	2	1		1				<b>10</b>
moléstias	1	4	1		2	6	5	3	2	3	1		2		<b>30</b>
morte natural		42	9	2	5	3	5	4	4	6	5	4	1	1	<b>91</b>
outros		4	2		1	2		1		3					<b>13</b>
pneumonia	1	9		2	1	6	8	8	6	3	1				<b>45</b>
repentinamente	1	2		1	2			5	3	1	5		1		<b>21</b>
s/ assistência médica	1	10	3				2	1	1	3	1	1			<b>23</b>
sífilis		4	2			3	1		1						<b>11</b>
tétano	1	12	1	1	1	2	2	2				1			<b>23</b>
tuberculose	5	1		1	10	36	17	11	2	1	1	1			<b>86</b>
vermes	1	55	26	7											<b>89</b>
em branco	7	54	1	1	2	5	3		4	4			1		<b>82</b>
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>298</b>	<b>64</b>	<b>21</b>	<b>43</b>	<b>107</b>	<b>83</b>	<b>82</b>	<b>78</b>	<b>62</b>	<b>58</b>	<b>30</b>	<b>27</b>	<b>6</b>	<b>991</b>

Nota-se que aparece em grande número algo inexistente nos atestados do período anterior à Abolição: a “morte natural”, respondendo por 14% dos óbitos das crianças entre 0 e 1 ano de idade da Tabela. Todavia, não conseguimos especificar o que seria essa morte natural. Aliás, a morte logo ao nascer ou, no primeiro ano de vida não tem nada de natural. Algum problema com a mãe enquanto gestante ou com a criança deve ter ocorrido para causar esta morte. Não que não tenha existido nenhum caso de

morte realmente natural ou, inevitável pela medicina e pelas condições da época. Todavia, o número é bastante grande, além de ser fato extremamente novo em relação ao período anterior à abolição. A razão para se atestar como natural não é conhecida. Pode-se apenas especular se, primeiramente, isto era feito como meio de se acalmar os ânimos dos pais dessas crianças “de cor” e, chamar de natural a morte que não afligia os brancos.<sup>18</sup>

Um retrato de que o conceito de assistência médica era restrito para os homens “de cor” e seus filhos são os 2% que tiveram a falta de assistência médica como causa exclusiva da morte.

Dentre as *causa mortis* que tiveram um aumento do primeiro para o segundo período e, um decréscimo do segundo para o terceiro, tem-se: problemas do aparelho digestivo (enterite, gastro-enterite), cirrose/problemas do fígado, problemas do cérebro (acesso nervoso, aneurisma, congestão cerebral), problemas do coração, hidropesia, sífilis e tuberculose. O que teria levado a este aumento não sabemos explicar mas, com exceção da tuberculose e sífilis (epidêmicas), as outras *causa mortis* não têm tanta ligação com condições de higiene e saneamento, bem como, não tinham nem têm vacina. Estão sim atreladas a condições de vida, como excesso de esforços e má alimentação. Este aumento e depois decréscimo não põe em xeque o desenvolvimento médico-sanitário da cidade. Pelo contrário, há uma grande redução do primeiro para o terceiro período.

Isto dá uma idéia de quais eram as condições de vida destes homens “de cor” em Rio Claro. Pelo menos, um indício. Para seguir adiante é preciso analisar algo de fundamental importância: as ocupações destes homens. Os tipos de trabalho desempenhados ajudam a ter uma idéia das possibilidades dos rendimentos, do reconhecimento e da inserção numa sociedade em mudança, das possibilidades de aprendizagem e das próprias condições de trabalho.

Dos 1.148 atestados, 223 traziam a ocupação exercida pela pessoa no momento da morte, ou seja, 19,4% do total. É um número bastante significativo e, se torna ainda mais com a exclusão das crianças de 0 a 10 anos do universo dos atestados. Subtraindo 421 dos 1.148 atestados, tem-se um total de 727 atestados, sendo que, os 223 com a

---

<sup>18</sup> A respeito disso ver AISSAR, Aparecida et. all., 1973. Neste texto, a autora, juntamente com Jeanne de Castro e Júlia Scarano, fazem referência ao fato de a taxa de mortalidade entre 0 e 1 ano de idade ser bem maior entre os “pretos” do que entre os brancos estrangeiros.

ocupação declarada passariam a representar 30,7% dos homens “de cor” com mais de 10 anos de idade que faleceram. Um tanto quanto representativo.

As ocupações que mais se destacaram foram a de lavoura e lavrador. Dos atestados com a ocupação declarada (223), 26% (58) eram de pessoas que estavam ocupadas na lavoura e 21,1% (47) de “lavradores”. Dito de outra maneira, só estas duas ocupações representavam mais de 47% das declaradas.

Os atestados não trazem uma distinção muito clara quanto a estas duas ocupações. Parece haver um indício de maior autonomia para o lavrador. Esta categoria parece ser mais independente do que a dos que trabalhavam em lavoura.<sup>19</sup>

Estas duas ocupações eram exercidas por pessoas de todas as faixas etárias entre 11 e 110 anos. Para a ocupação de lavrador há o atestado de uma pessoa com idade estimada em 122 anos. Para ambas as ocupações, porém, é entre os 30 e 60 anos que estão concentradas a maioria dos trabalhadores.

Já, olhando para a distribuição entre os sexos em todos os períodos há no montante total, uma predominância dos homens. O que não significa dizer que eles eram maioria em todas as ocupações. Mas, nas ocupações de lavoura e lavrador eles representavam 85% das pessoas ocupadas.

Quanto aos períodos, há um declínio no número de ocupações declaradas, quando olhamos para o montante total. Dos 223 atestados com a ocupação declarada, 64,6% estão no primeiro período, 19,3% no segundo e 16,1% no terceiro. Provavelmente pelo próprio universo dos atestados terem esta concentração. Ao olharmos para a ocupação especificamente, esta tendência se repete para a de lavrador, mas de forma ainda mais concentrada no primeiro e segundo período. Já para a ocupação de lavoura há algo interessante: uma grande diminuição do primeiro para o segundo período e um aumento no terceiro.

Talvez, isto esteja relacionado com as oscilações dos preços e das culturas cafeeiras. Todavia, o terceiro período deveria conter um declínio ainda maior. Não só isso, mas por que as ocupações de lavrador e até mesmo roça, trabalhadores em fazenda e colonos não repetem a mesma trajetória da lavoura? Realmente não há como explicar esta queda pelas oscilações de preço.

Parece mais plausível acreditar que as pessoas passaram a tentar ganhar a vida como colonos, ocupações menos arraigadas à ideologia escravista do que a de lavoura e,

---

<sup>19</sup> Ver CASTRO, 1998. A autora também faz essa mesma distinção entre lavoura e lavradores.

mais condizente com o regime de trabalho que passava a ser “febre” não só em Rio Claro como todo o Oeste Paulista. Além disso, dava melhores condições, como um local pra morar e até meios de subsistência, que seriam difíceis de buscar sozinhos.

Isto fez com que houvesse uma saída dos homens “de cor” da ocupação de lavoura e passassem à ocupação de colono. Tal hipótese é corroborada pelo fato de, enquanto do primeiro para o segundo período houve uma queda dos que trabalhavam na lavoura, o número de homens “de cor” trabalhando como colonos é maior no segundo que no terceiro período.

Todavia, este “privilégio” não se mantém por muito tempo, e os mesmos voltam a ter que se submeter ao trabalho de lavoura. Isto é representado por uma queda no número de colonos e aumento no número dos que trabalhavam em lavoura do segundo para o terceiro período.

Depois de lavoura e lavradores, as ocupações que mais se destacam são as de colono, jornaleiro, serviços domésticos e roça. Há ainda os que estavam ocupados como “empregado em fazenda” e trabalhador rural. Na verdade, a soma das ocupações de colono, roça, roceiro, empregado em fazenda, trabalhador rural e camarada em lavoura, representa 21,4% dos atestados de óbito, dos quais só os colonos representam 13,9%. Ainda, lavoura e lavrador, são mais de 68% das ocupações declaradas como sendo ligadas diretamente ao setor rural.

Das ocupações supracitadas, as de roça, roceiro,<sup>20</sup> trabalhador rural e camarada em lavoura, eram ocupadas 100% por homens. Já entre os colonos os homens são 64,5% e, entre os empregados em fazenda as mulheres são maioria, representando 75% dos ocupados. Nas ocupações de serviços domésticos, cozinheiro e ocupações domésticas as mulheres são 100%

Já os homens são 100% nas ocupações de alfaiate, carpinteiro, carroceiro, caseiro, chefe de manobristas da Cia. Paulista, jornaleiro, negociante, empreiteiro, operário, agrícola, servente de pedreiro, trabalhador (sem especificar no que e onde), empregado na linha férrea e pedreiro, bem como nas citadas no parágrafo anterior.

Depois de lavoura e lavrador, as ocupações que mais se destacaram foram as de colono (13,9% dos atestados com a ocupação declarada), jornaleiro (9,4%) e serviços

---

<sup>20</sup> A distinção entre roça e roceiro parece ser a mesma existente entre lavoura e lavrador, ou seja, o roceiro indica uma maior independência. Quanto à distinção entre os serviços de lavoura e roça não notamos nenhuma específica. Até pensamos em agrupar estas duas categorias, bem como as de ocupações domésticas e serviços domésticos, para as quais também não notamos uma distinção clara. Porém, não fizemos estes agrupamentos para sermos mais fiéis à fonte.



domésticos (7,6%). Estas ocupações tiveram destaque em praticamente todas as faixas etárias, mas se concentraram na faixa dos 21 aos 30 anos (colono e jornaleiro) e dos 31 aos 40 (serviços domésticos).

Uma análise temporal das ocupações dos pais das crianças “de cor” revela, a mesma tendência que observamos anteriormente para os homens “de cor”: o número de pais declarados como lavradores sofre uma queda em termos relativos do primeiro para o segundo período e um aumento do segundo para o terceiro. Da mesma forma, o número de pais declarados como colono tem um aumento relativo do primeiro para o segundo período e, uma queda do segundo para o terceiro.

A definição do local ou região (rural/urbana) que os homens “de cor” habitavam na cidade de Rio Claro é de extrema importância, já que pode estar intimamente ligado com as ocupações exercidas e com as condições de vida. As pessoas que trabalhavam na lavoura, serviços domésticos, empregado em fazenda, trabalhador rural, colono, operário agrícola moravam em sua maioria no campo. Na verdade, a maioria morava em fazendas que, certamente, não eram deles. Já os ocupados como lavradores habitavam algum bairro de Rio Claro.

O número de óbitos com local de moradia declarado como fazenda, por exemplo, sofre um declínio do primeiro para o segundo período e um aumento do segundo para o terceiro, tanto em termos absolutos quanto relativos.

Tal fato é ainda mais realçado se compararmos isso com os moradores em bairros de Rio Claro. Enquanto os que moravam em fazenda diminuem do primeiro para o segundo período, os de bairro aumentam. Já, do segundo para o terceiro período os que moravam em bairro diminuem e, os que moravam em fazenda aumentam. Percentualmente, os moradores em bairro eram 6,7% no primeiro período, 16,6% no segundo e 7% no terceiro.

Esta mobilidade aliada à abolição certamente influenciou nos padrões de casamento dos homens “de cor” no decorrer do tempo. Excluindo as crianças<sup>21</sup> dos atestados os casados perfazem 24,7% dos atestados, os solteiros 16,6%, os viúvos 11,7% e os de estado civil ignorado 10,3%. Os restantes são pessoas de estado civil ignorado.

---

<sup>21</sup> Criamos a categoria “criança” para o estado civil como um meio de não enviesar o estudo. É que entre 0 e 10 anos de idade, não há nenhum atestado que classifique alguma criança como casada ou viúva. Para estas 421 crianças os atestados, em sua maioria, nada diziam a respeito do estado civil, e alguns as declaravam como solteiras. Se somássemos, por exemplo, os 325 atestados de crianças entre 0 e 1 ano aos solteiros ou de estado civil ignorado, certamente estaríamos sobrevalorizando a categoria. Portanto, o estado civil “crianças” se refere aos atestados de óbito de pessoas entre 0 e 10 anos de idade.

Todavia, há algo interessante a se observar. O número de casados, relativo e não absoluto, sofre um aumento do primeiro para o segundo período e, uma queda do segundo para o terceiro. Em outras palavras, os casados eram em maior número que os solteiros, mas, a mobilidade causada pela busca de oportunidades de trabalho influenciou os homens “de cor” no sentido em que o trabalho rural dificultava o casamento, e o trabalho urbano e a vida na cidade favoreciam a ocorrência do mesmo.

Em suma, o fim da escravidão trouxe mudanças significativas para os homens “de cor”. A mobilidade a eles permitida imprimiu numa nova fase, e a necessidade de se adaptarem às condições que a sociedade branca lhes impunha com o decorrer do tempo. Isto se refletiu em novos padrões de moradia, casamento, ocupações, enfim, novas formas e condições de vida.

## CONCLUSÕES

Pôde-se observar que, tanto antes quanto após a Abolição, os homens “de cor” eram em sua maioria do sexo masculino em Rio Claro. Todavia, a predominância não era em número exacerbado. Dentre os atestados, mais ou menos 57% era de homens antes da abolição e 54% depois.

Certamente, este relativo equilíbrio entre homens e mulheres foi o responsável pelo grande número de crianças encontradas em Rio Claro para ambos os períodos. Aliás, a abundância das crianças entre os atestados de óbito evidencia as duras condições de vida das mesmas e dos pais.

Já para os adultos houve um aumento considerável da expectativa de vida e o controle de certas doenças após a abolição. Isto é visto pelo número crescente de pessoas que morrem devido à avançada idade com o decorrer do tempo. Mesmo assim, aquelas epidêmicas, como a tuberculose, matavam os homens “de cor” em grande número. O que tem destaque, porém, são os problemas ligados ao coração, provavelmente devido aos esforços físicos exigidos no trabalho. Isto tanto antes quanto depois da abolição.

Quanto às ocupações exercidas pelos homens “de cor”, vê-se com grande destaque as ocupações ligadas intimamente ao setor rural e ao período escravocrata, como lavoura, lavrador, roça e colonos (esta última só aparece após a abolição).

Há a evidência de um movimento destes homens do campo para a cidade em Rio Claro, ou, para ocupações diferentes daquelas tão ligadas ao regime escravocrata após a Abolição, mas provavelmente a cidade não ofereceu as condições adequadas de vida para os homens “de cor”, já que depois de 1914 há o retorno dos mesmos para as ocupações mais rurais e mais ligadas à escravidão, como lavoura. Não podemos responder com certeza se esta volta ao campo e à ocupação de lavoura se deu por uma questão de costume ao trabalho rural, por uma não adaptação à cidade, ou porque a cidade não lhes oferecia boas condições de vida.

Mas tal incerteza não impede de mostrar as evidências de que a vida na cidade não foi das melhores para os homens “de cor” em Rio Claro. O número de indigentes (homens sem condições de pagar o sepultamento) foi crescente a partir de 1888 para os homens “de cor”. Todavia, foi enquanto estiveram na cidade que houve um crescimento considerável destes indigentes, e uma diminuição, também considerável, dos que podiam pagar pelo sepultamento. Provavelmente, isto influenciou para que os mesmos voltassem à suas antigas ocupações.

Nesse sentido, autores como Florestan Fernandes (1972), Carlos José Ferreira dos Santos (1998) e Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), estavam corretos ao dizer que os homens “de cor” se tornaram marginais nas cidades, com as piores ocupações e condições de vida.

Não se pretende, de maneira alguma, inferir que a escravidão era um período bem melhor para os homens “de cor”. A liberdade tem um sentido histórico e fundamental, ao retirar estes homens do sofrimento que os havia atormentado por séculos. Mas mostrar que a transição e a forma como se deu a formação do mercado de trabalho livre não levou em consideração o possível destino destas vidas, que ainda hoje permanecem obscuras, é algo plausível através dos atestados de óbito de Rio Claro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- AISSAR, Aparecida da Glória et. all., A mortalidade entre os filhos de trabalhadores pretos e brancos estrangeiros numa região cafeeira paulista: 1875-1930. *Revista de História*, São Paulo, vol. XLVI, nº 94, 1973.
- ANDRADE, Flávia et. all. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil: 1980/90, *Anais da ABEP*, 2000.

- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. *Fazenda de Santa Gertrudes: uma abordagem quantitativa das relações de trabalho em uma propriedade rural paulista (1895-1930)*. Rio Claro, Tese de Doutorado, FFLC, 1973.
- CASTRO, Hebe M. Mattos. *Das cores do silêncio: significados da liberdade no sudeste escravagista*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CASTRO, Jeanne Berrance de. Considerações a respeito da população preta escrava e livre num período de mudança: 1875-1930. *Anais do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros e I Seminário de Estudos Brasileiros*. São Paulo, IEB, 1971.
- DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- DIAS, Maria Odila Leite Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo, Ática, 1990.
- MAZZIOTTI, Nicolino. Considerações sobre o processo evolutivo da Saúde. In: PENTEADO, Oscar de Arruda. *Rio Claro Sesquicentenária*. Rio Claro, Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- OLIVEIRA, Maria Inês Cortes de. *O liberto: seu mundo e os outros*. São Paulo, Corrupio, 1988.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915*. São Paulo, Annablume, 1998.
- SANTOS, Fábio Alexandre dos. *Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906*. Campinas, Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 2000.
- SANTOS, L. *Crime e liberdade: o mundo que os escravos viviam. Rio Claro-SP 1870/1888*. Araraquara, Dissertação de Mestrado, FCL/Ar, UNESP, 2000.
- SCARANO, Júlia Maria Leonor. Comentários sobre imigrantes que demandaram uma zona cafeeira. *Anais do I Seminário de Estudos Brasileiros*. Volume II, São Paulo, IEB, 1972, p. 71-83.